

10/5

Não é fácil em uma só palestra, dar uma descrição suficientemente exata da situação educacional brasileira e indicar os principais aspectos em que essa situação é pouco satisfatória.

Em todo caso esta é a minha tarefa, hoje, aqui, e vou buscar cumpri-la como me fôr possível. Tomaremos cada um dos níveis do ensino - primário, médio e superior - apresentando, primeiro, os fatos, depois a sua interpretação e, por último, um julgamento ou diagnóstico, suficientemente claro para guiar uma possível terapêutica ou tratamento.

Parece isto indicar que antecipamos algo de patológico em nossa situação educacional. Podíamos dizer que assim é sem dúvida. Preferimos, contudo, ir mais ao fundo das coisas e dizer que educação sendo um processo de cultivo, ou de cultura, há de ser sempre algo em permanente mudança, em permanente reconstrução, a exigir, por conseguinte, sempre, novas descrições, análises novas e novos tratamentos. Como a agricultura, como a medicina, a educação está em permanente transformação, não só em virtude de conhecimentos novos como em virtude de mudanças decorrentes da própria dinâmica da sociedade.

* * *

Presentemente a situação educacional brasileira apresenta-se como uma pirâmide de base espantosamente ampla e ápice extremamente afilado. Este fenômeno manifesta-se desde a escola primária.

Para uma população escolar de 7 a 11 anos de

7 597 000, a escola primária já acolhe 4 921 986, ou sejam cerca de 70%. Dêstes, porém, encontram-se no 1º ano 2 664 121, no 2º, 1 075 792, no 3º 735 116, no 4º e 5º anos 466 957, o que já afila singularmente a pirâmide, conforme se pode ver no gráfico abaixo:

O gráfico revela quanto a função precípua da escola primária, que é a de ministrar uma cultura básica ao povo brasileiro não está sendo cumprida. O ensino primário está sendo puramente seletivo. A ênfase está no puramente. Com efeito, embora o próprio ensino primário deva servir de base para uma primeira seleção humana, não é esta a sua finalidade central. Se todo êle passar a ser um processo para essa seleção, isto é, para a escolha de alguns, destinados a prosseguir a educação em níveis pós-primários, estará prejudicada a sua função essencial.

Ora, êste é o primeiro aspecto pelo qual se verifica como o ensino primário está sendo desvirtuado. Considerando-o puramente preparatório às fases ulteriores da educação, des cuidamo-nos de organizá-lo para efetivamente atender a todos os alunos, seja qual fôr a capacidade intelectual de cada um, e vimos, ao contrário, mantendo a velha organização seletiva da escola propedêutica. O característico da organização seletiva das escolas é o menosprêzo às diferenças individuais. A escola fixa os seus graus ou séries de ensino, os padrões a que devem atingir os alunos capazes de seguir o curso. Os que não se revelarem capazes, são reprovados. Nessa organização cabe ao aluno adaptar-se ao ensino e não o ensino ao aluno. Nada mais legítimo, se a escola visa realmente selecionar al

guns alunos para determinados estudos. É nada mais ilegítimo, se a escola se propõe a dar a todos uma habilitação mínima para a vida. Não será necessário estender-me sobre a matéria, pois as reprovações maciças no ensino primário demonstram que esta é, realmente, a organização do ensino primário.

A organização da escola primária como escola seletiva e propedêutica justifica uma porção de fatos, que seriam julgados pelo menos surpreendentes se tal não fôsse a sua organização.

Primeiro, justifica a desordem por idades da matrícula. A escola primária recebe na primeira série e, depois, nas demais, alunos de tôdas as idades entre 7 e 14 anos. Se a escola fôsse organizada para a educação básica, todos sentiriam o que importaria não começá-la na época própria, não somente pelo tempo que o menino teria perdido, como porque a diferença de idade prejudicaria o tipo de organização da escola primária destinada a todos. Essa escola é mais do que qualquer outra, e exatamente porque é para todos, uma escola organizada por idades. Vai, na primeira série, sem impor qualquer padrão seletivo, educar crianças de 7 anos, com seus interesses, seus gostos e suas aptidões. Receber, na primeira série, meninos de 8, 9, 10 e até mais anos seria tôda uma desordem, salvo, repito, se a escola não fôsse a escola de educação básica, mas um curso preparatório a outra escola mais alta.

Como ela se vem fazendo, realmente, um curso preparatório, professores e diretores aceitam, sem discussão, a desordem de idades que aflige a nossa organização das séries e

colares, prejudicando-a no seu espírito e na sua eficiência.

A segunda consequência da organização seletiva da escola primária é a possibilidade de ser ela reduzida em tempo e em objetivos educacionais. Desde que seu propósito seja seletivo por um lado, e preparatório por outro, pode-se reduzir a mesma, cada vez mais, a um adestramento para os exames e sobretudo para o exame da entrada na escola seguinte. O ensino, assim, toma, cada vez mais, caráter informativo, limitando-se a mínimos de habilidade e a uma esquematização técnica de conhecimentos ou informações necessárias aos exames.

À desordem da matrícula por idade, sucede, então, a desordem dos turnos, que, em muitos casos, já ascendem a quatro por dia. Nessa escola, está claro que nada mais se faz do que adestrar os meninos numa alfabetização sumária e, depois, treiná-los para os exames de conhecimentos formais necessários à promoção seletiva e, por último, ao exame de admissão ao ensino secundário.

Se não tivéssemos o propósito democrático de dar às massas uma boa educação para a vida mas apenas - o que é um dos objetivos permanentes da educação - selecionar os melhores para lhes oferecer uma educação de elite, diria que a nossa escola primária está procurando cumprir a sua missão. E a questão seria, apenas, se o está conseguindo. Levam, realmente, os seus métodos à escolha dos melhores? Tenho as minhas dúvidas.

Com efeito, o tipo de adestramento aparentemente intelectualista que experimenta fazer a escola primária não che

ga a ser seletivo sequer das boas inteligências verbais. Não direi que tais inteligências não cheguem a aproveitar-se do ensino, mas, mesmo para esse tipo de inteligência, os estudos puramente formais podem ser prejudiciais. Realmente, as inteligências que se ajustam a essa forma de ensino decorado são as de certo tipo médio, excessivamente plástico e pouco sensível a práticas absurdas ou sem sentido. Os verdadeiramente capazes são desencorajados, a grande maioria dos de outro tipo de inteligência - artística, plástica, prática - é destruída. Assim, creio que a própria capacidade seletiva da escola primária não é a melhor para a nossa sociedade e o nosso estágio de desenvolvimento.

Fala-se muito que esse tipo de estudos desenvolve a cultura geral, que parece ser uma certa capacidade de enunciação verbal dos problemas humanos e de sentir imaginativamente tais problemas, formulando-os em inteligentes análises críticas. Mas será, realmente, esse o tipo de inteligência de que mais precisamos? E se for, poderá ser ele generalizado em uma sociedade não já apenas de elite e povo, mas de povo com elites diversificadas e múltiplas nele também integradas?

A educação destinada a formar amantes de cultura geral desse tipo parece ser muito apropriada ao preparo para as letras e para a filosofia. Por certo, que esse preparo é necessário, mas, será ele o mais necessário no tipo de sociedade democrática que estamos desenvolvendo? Não será antes a formação científica de profissionais da ciência teórica e da ciência aplicada a mais necessária, a de prioridade mais alta? Ora, não se pode afirmar que a formação de cultura geral

seja o melhor modo de preparar o cientista, sobretudo o cientista de ciência aplicada, o especialista e o técnico. Sendo assim, não se pode afirmar que seja acertado dar o espírito de cultura geral a tóda a educação nem mesmo o de dar a essa cultura geral uma preeminência sôbre as demais.

Todos os julgamentos globais, são imprecisos mas não seria absurdo dizer que a educação na França é dominada pelo espírito de cultura geral, na Alemanha pelo espírito científico e pelo dogmatismo filosófico, na Inglaterra por uma mistura de cultura geral e empirismo prático e na América, pelo practicalismo.

Ora, o nosso país pode aproveitar-se dessas experiências e evitar qualquer unilateralismo, buscando não esquecer a cultura geral - necessária para o tipo de inteligência enunciativa, na designação de Ortega y Gasset, e que chamo de inteligência verbal, isto é, a que concebe pela palavra e que tem na palavra o seu material intelectual, utilizando-a como instrumento artístico na poesia e como instrumento de idéias na enunciação crítica dos problemas e das soluções - mas, dando nova ênfase e, talvez maior do que a dada à cultura geral, à cultura especializada, a que se irão dedicar as inteligências aptas às linguagens mais especializadas das notações matemáticas e científicas e às linguagens plásticas e práticas das artes e da ação.

Logo, mesmo, como escola seletiva, o processo em que vai entrando a escola primária não nos pareceria o mais recomendado para a conjuntura que estamos atravessando.

A realidade, porém, é que a escola primária não pode ser simplesmente seletiva mas precisa de cuidar sèriamente dos alunos de todos os tipos e tôdas as inteligências que procuram, para dar à nação aquêle lastro mínimo de educação que nos impeça de ir pelos ares. Esta expressão não é sinão aparentemente metafórica. Quebrados os óbices à unificação do povo brasileiro, percorre tôdas as suas camadas e sobretudo as mais baixas num ímpeto de ascensão social a que só a educação poderá dar ordem e estabilidade. A ordem e a estabilidade numa sociedade democrática são mantidas por critérios conscientes de valor e hierarquia. Tais critérios não se adquirem por meio de adestramento para exames formais, mas, por uma lenta impregnação que a família e a classe promovem, e a escola, quando, como as duas primeiras, se faz forma de vida em comum, com atividades de participação e de integração, também pode promover. Ora, como a família e a classe, em rigor a classe, pois, a família é sempre um aspecto da classe, está vivendo pelos próprios deslocamentos sociais causados pelo progresso econômico do país um período de intensa desintegração, não consegue a classe, por isto mesmo, a transmissão pacífica dos seus padrões, deixando, assim, de operar como força estabilizadora suficiente.

Fica, portanto, a escola. Se ela não se fizer a transmissora de padrões de hábitos, atitudes, práticas e modos de sentir e julgar, as forças ascencionais do progresso jogarão os indivíduos para o alto numa explosão desordenada e caótica. Expressão, repito, que não é afinal sinão um retrato por assim dizer literal da situação brasileira.

A escola primária deverá assim organizar-se para dar ao aluno, nos quatro anos do seu curso atual, uma educação ambiciosamente integrada e integradora. Para isto precisa, primeiro, de tempo. Tempo para se fazer uma escola de formação de hábitos e não de adestramento para passar em exames, e de hábitos de vida, de comportamento, de trabalho e de julgamento moral e intelectual.

* * *

Obtido o tempo necessário, a organização da escola, em termos de escola-comunidade, com um currículo de aprendizagem por participação, não é difícil, embora exija abundantemente material de ensino e de trabalho e professores preparados de forma mais acentuadamente profissional do que o que vemos atualmente fazendo. A escola se organizará como um local de atividades adequadas às idades, dentro de três setores, que se continuarão entre si, mutuamente complementares e integrados: o do jôgo, recreação e educação social e física; o do trabalho, em formas adequadas à idade e o do estudo, em atividades de classe propriamente dita.

Os próprios conjuntos de edificações escolares compreenderiam, sempre, as atividades de classe, em "escolas-classe", as atividades de recreação e jogos em ginásios e campos de esporte, as atividades sociais e artísticas, em auditórios e salas de música, dança e clubes e as atividades de trabalho, em pavilhões de artes industriais.

A didática dessa escola obedeceria ao princípio de que as atividades infantis predominantemente lúdicas, evoluem

naturalmente para o trabalho, que é um jôgo mais responsável e com maior atenção nos resultados e do trabalho evoluem para o estudo, que é a preocupação mais intelectual de conduzir o trabalho sob forma mais racional, sabendo-se porque se procede do modo que se procede e como se pode aperfeiçoá-lo. Quando êsse interêsse intelectual se desenvolve o bastante para se tornar uma atividade em si mesma, teremos o intelectual, o cientista, o pesquisador e o pensador, que irão constituir os corpos especializados da nação para o seu desenvolvimento cultural e científico.

Nessa escola primária, a idade é o elemento fundamental de graduação e classificação, constituindo-se as séries por atividades escolhidas à luz dos interêsses e impulsos de cada grupo etário, com as diversificações decorrentes dos diferentes quocientes intelectuais. Daí constituírem-se os grupos quase sempre de duas idades: 7/8 na 1ª série, 8/9 na 2ª série, 9/10 na 3ª série, 10/11, na 4ª série, 11/12 na 5ª série ou 1ª complementar e 12/13 na 6ª série, ou 2ª série complementar.

Estendido o tempo da escola primária, teríamos a possibilidade de reorganizá-la para a educação de todos os alunos e não apenas dos pouco seleccionados. Para isto seria necessário o enriquecimento do currículo pela forma recomendada e a formação de magistério adequado. Temos, para essa última tarefa, a experiência das escolas de enfermeiras e das escolas de serviço social. Deveríamos elevar as escolas normais à categoria profissional dessas duas escolas, não direi para torná-las de chofre de nível superior, mas, para acentuar-lhes

o espírito de formação nitidamente profissional. Antes, porém, do currículo novo e novo professor, teríamos de alterar a própria ordem ou estrutura da escola primária, a fim de que ela deixe de ser apenas seletiva e se faça formadora e educativa.

Para isto, antes de tudo, importa ordenar e regularizar a matrícula por série e por idade, a fim de organizar-se o programa por idade, suspender-se o regime de reprovações e dar-se o devido número de lugares para os alunos da 5ª série e depois da 6ª série, séries novas por que se estenderá a escola primária.

Deixo aqui, para conhecimento dos senhores alunos da Escola Superior de Guerra, o documento de trabalho elaborado pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, para planejamento desse programa de ordenação e desenvolvimento da escola primária para seis anos de estudo.
